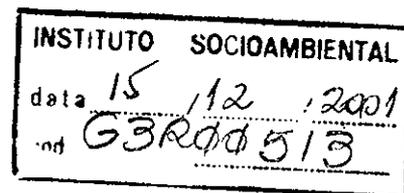


Entrevista com Sebastião Manchinery, representante da Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica na 2ª Conferência da Amazônia

Data: 15/12/2001
Fonte: Folha do Amapá
Local: Macapá
Link: <http://www.folhadoamapa.com.br/>



Por Luli Rojanski

Com respeito às diferenças

Sebastião Manchinery faz parte de um povo indígena originalmente denominado Yine, que vive entre Peru, Bolívia e Brasil. Seu povo é numericamente pequeno: no Brasil são 600 pessoas, no Peru são em torno de 3.500 e na Bolívia são 70 pessoas. Na 2ª Conferência da Amazônia, Manchinery participou representando a Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (Coica), e deixou claro que os povos indígenas estão atentos aos modelos de desenvolvimento que ameaçam sua cultura e o seu meio.

O que é a Coica?

A Coica é a Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica. É uma organização indígena internacional constituída de organizações indígenas dos nove países amazônicos. Aqui no Brasil a membro é a Coiara. É uma organização indígena que surgiu para defender os direitos dos povos indígenas no contexto da Organização dos Estados Americanos, das Nações Unidas e também na defesa dos direitos e interesses dos povos indígenas no contexto do programa e da iniciativa amazônica criada pelos governos da Região Amazônica.

Qual é o entendimento que os povos indígenas têm da sustentabilidade?

O desenvolvimento sustentável dos povos indígenas é exatamente a medida em que a gente viveu até o presente momento. É claro que hoje tem uma série de mudanças e nem sempre significa melhoria, principalmente os programas direcionados à exploração dos recursos naturais. Esses programas têm constituído para os povos indígenas uma mudança radical no processo social, econômico e, principalmente, no processo de vida cultural, onde os interesses econômicos são maiores que os interesses políticos ou sociais. Então isso tem afetado de uma maneira geral os povos indígenas no sentido da saída desses recursos deixarem problemas como a contaminação, as doenças e principalmente as mudanças culturais.

As crianças de hoje não serão mais as mesmas de ontem, no sentido da valorização da cultura, no valor do ser humano como diferente. Então estes aspectos são bastante negativos no sentido do chamado desenvolvimento. Isso a gente não gostaria que acontecesse, a gente está trabalhando para que tenha uma outra forma, e esta forma é valorizar o conteúdo, valorizar as ações, valorizar o existente e valorizar os programas específicos de cada povo no sentido do entendimento da coletividade, das terras, dos territórios e principalmente da cosmovisão indígena sobre a questão que é a desenvolver suas próprias ações.

O quê os povos indígenas e não indígenas podem trocar em termos de desenvolvimento sustentável?

A princípio é mais importante que a gente tenha primeiro o respeito às diferenças. Tanto os povos indígenas quanto os não-indígenas precisam se entender mutuamente e saber diferenciar que o mundo de um é diferente do mundo de outro, e para isso precisamos que cada um viva no seu mundo buscando aquilo que se adequa a cada um, mas sem a ganância, sem a exploração, sem a marginalização e sem a discriminação. Seria importante trabalhar nesse aspecto.

O mundo inteiro tem os olhos voltados para a Amazônia e ao mesmo tempo o mundo

nega a soberania do amazônida sobre as florestas. O que você pensa disso?

Na verdade, a Amazônia é um discurso para muita gente, para governos, mas é uma realidade para muitos países estrangeiros no sentido dos valores econômicos estratégicos existentes na Amazônia, principalmente relacionados à biodiversidade, aos recursos naturais estratégicos na Amazônia. Então, enquanto os governos amazônidas ficam discutindo quem é que faz mais ou menos, as pesquisas científicas e os governos estrangeiros estão impondo suas políticas, como no caso do plano Colômbia, o Calha Norte, todos são programas direcionados, não a defender a Amazônia, mas a extrair o que mais interessa aos países desenvolvidos.

Nesse aspecto, os governos não têm o menor controle sobre as ações que estão sendo desenvolvidas. É uma preocupação grande que nós temos e nós estamos não só trabalhando para que os governos amazônidas valorizem sua população como valorizem também os seus recursos naturais, o meio ambiente, e assim valorizem o país que defenda realmente os recursos e os valores que temos. Lamentavelmente não vamos poder defender isso individualmente, nós temos que ter uma coletividade, um processo conjunto entre os diferentes países amazônicos, porque o que afeta um, seguramente, num futuro próximo, afetará o outro.

Um texto seu, emocional, utilizado durante a 2ª Conferência da Amazônia, diz: "Os povos indígenas protagonizam o maior acervo sociocultural e representam a maior diversidade humana do planeta". Esse sentimento indígena tem sido compreendido também fora das conferências?

Tem. Esse sentimento é expressado pelos líderes indígenas no sentido da importância que têm os povos indígenas no contexto da diversidade étnica e cultural no mundo inteiro. Nós respeitamos também os valores e a diversidade de outros povos e outros segmentos, mas o povo indígena tem uma origem, uma especificidade e tem a própria inserção desse conhecimento tradicional, tem toda uma participação, não só de agora, uma relação entre homem e natureza que difere dos demais e de fato é um sentimento expressado no mundo que nós vivemos, principalmente na defesa dos interesses dos povos indígenas.

Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.